

Framing Britney Spears: uma nova perspectiva sobre a jornada feminina¹

Marcos CASTILHO²

Pedro CARDONI³

Luana INOCÊNCIO⁴

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar como os efeitos da produção de sentido na representação (HALL, 2019) feminina no audiovisual se relaciona com o documentário *Framing Britney Spears* (2021) e de que maneira a narrativa midiática da cantora foi criada utilizando essas mesmas estratégias misóginas. A princípio, é feita uma discussão sobre os tipos de representação das mulheres no cinema, mostrando os diferentes arquétipos em que elas se desenvolvem. A partir disso, o documentário é apresentado e é elaborada uma reflexão sobre as questões da representatividade feminina que podem ser encontradas nele. Foram utilizadas abordagens metodológicas da análise fílmica para as imagens e discursos no documentário, com pesquisa exploratória na coleta do conteúdo.

PALAVRAS-CHAVE: Britney Spears; audiovisual; representatividade; cultura pop; documentário.

INTRODUÇÃO

A partir do documentário *Framing Britney Spears* (2021), surgem muitas questões acerca da forma como a cantora foi representada por uma mídia misógina e sensacionalista durante toda a sua vida profissional e também pessoal. Britney começou a sua carreira ainda muito jovem e, desde então, se acostumou a sempre estar nos holofotes. Esteve no meio de polêmicas envolvendo sua vida romântica, seu corpo, suas

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 4º. período do Curso de Publicidade da UFF. Pesquisador do Laboratório de Comunicação, Criação Digital e Inovação – [LACCRI](#) (UFF). E-mail: marcoscastilho@id.uff.br.

³ Estudante de Graduação 4º. período do Curso de Jornalismo da UFF. E-mail: pedrocardoni@id.uff.br.

⁴ Professora de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Laboratório de Comunicação, Criação Digital e Inovação – [LACCRI](#) (UFF). Doutoranda em Comunicação pela mesma Instituição (PPGCOM/UFF). E-mail: luanainocencio@id.uff.br.

roupas e sua saúde mental, presa em uma narrativa criada por uma sociedade machista, que não aceitava que a estrela pudesse se comportar de forma diferente do esperado.

Essa narrativa, explicitada dentro do documentário, é facilmente associada aos modos como as mulheres são retratadas no meio audiovisual, frequentemente apresentadas a partir de uma perspectiva masculina. Essa dinâmica tende a prender essas mulheres em rótulos presentes dentro de um imaginário coletivo pautado nas representações ainda androcêntricas (BUTLER, 2017), ditando que elas devem agir de uma determinada maneira para que seu comportamento seja aceito pela sociedade.

Dessa forma, a história de Britney Spears, contada no documentário, oferece um grande material de análise para reflexão do papel da mulher na sociedade, na mídia e dentro do audiovisual, escancarando hipocrisias que existem na diferença de tratamento entre homens e mulheres e destacando uma dinâmica em que são impostos papéis irrealistas à figura feminina, que somente existem para acompanhar ou servir a figura masculina protagonista, em posição de poder e hierarquização social (FOUCAULT, 1987).

GÊNERO E REPRESENTAÇÃO NO AUDIOVISUAL

O audiovisual constitui-se como uma representação da realidade, caracterizando-se, portanto, como um recorte feito sob os olhares que direcionam um modo de apreensão do mundo. Kornis (1992) sugere que “a imagem não ilustra nem reproduz a realidade, ela a reconstrói a partir de uma linguagem própria que é produzida num dado contexto histórico”. Assim, as imagens do audiovisual, carregadas de sentido, dirigem o olhar, constroem simpatias e repúdios, como descreve Louro (2008).

Além disso, essas representações contribuem para a reafirmação e naturalização de modos de pensar que, muitas vezes, excluem o personagem comum da cotidianidade, criando uma realidade longínqua, ao mesmo tempo em que é próxima de seu imaginário, fortificada pelos meios de comunicação. Aqueles que assistem às imagens filmicas incorporam, sim, conceitos de beleza, ideais de justiça e comportamentos, mas estes os adaptam de formas diferentes ao seu contexto econômico-social. Parte-se, então, do princípio que o cinema é contribuinte na construção de olhares, comportamentos, ideais, classificações, conceitos padrões ou considerados anormais. O audiovisual como entretenimento constrói, reconstrói e desconstrói, de certa forma,

aspectos culturais de um povo, como a identidade particular e, conseqüentemente, coletiva.

Como propõe Chartier (2001), na hierarquia social, a mulher ainda apresenta em acentuada evidência a relação de dependência à figura masculina condicionada desde a infância. Essa perspectiva é enfatizada por Foucault (1988), ao apontar que os discursos sobre sexualidade e gênero são sempre marcados pela presença de uma extrema relação de dominação, refletidas como forma de repressão nas relações de poder, manifestando-se em vários aspectos. Observada como objeto de manipulação e repressão de forma a configurar as relações de poder, a dicotomia de gênero

Ela aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder; entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e educandos, entre padres e leigos, entre administração e população. Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias (FOUCAULT, 1988).

Chartier (1995) encontra traços de construção de costumes sociais na submissão e na violência simbólica contra a mulher. Ao que ele afirma,

Definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação, que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída, é sempre afirmada como uma diferença de natureza, radical, irreduzível, universal. O essencial não é então, opor termo a termo, uma definição histórica e uma definição biológica da oposição masculino/feminino, mas sobretudo identificar, para cada configuração histórica, os mecanismos que enunciam e representam como "natural", portanto biológica, a divisão social, e portanto histórica, dos papéis e das funções. (CHARTIER, 1995)

Cotidianamente, conforme lembra Butler (2017), um dos pilares do estereótipo social feminino que torna as mulheres aceitas socialmente e visíveis dentro de uma estrutura de poder é a beleza física dentro de certos padrões estéticos, sendo a experiência do corpo feminino no espaço público marcada por violências simbólicas (BASTOS; INOCÊNCIO, 2019). Outorgada e naturalizada pela mídia androcêntrica (BOURDIEU, 2014), essa desigualdade na representação do comportamento dos dois advém de uma estrutura de poder que é assegurada pela construção social na mídia hegemônica (VAN ZONEN, 2001) de uma mulher polarizada: ora docilizada e

subalternizada, ora vilanizada e com uma histeria inerente - como veremos na exploração midiática do “*meltdown*” de Britney no documentário.

REPRESENTATIVIDADE FEMININA NO AUDIOVISUAL

Historicamente, o papel das mulheres dentro da sociedade sempre foi de submissão com relação ao homem. Essa dinâmica afeta diretamente a representação da mulher no cinema, sempre partindo da perspectiva da subordinação, e que influencia ainda mais a representação de mulheres não-brancas ou LGBTQ+. Nos moldes tradicionais do cinema, as mulheres são retratadas como seres dependentes dos homens e sofrem com a sexualização dos seus corpos e sua categorização em algum dos papéis conhecidos pelo público, como a “donzela em apuros”, “*femme fatale*” ou a “*Manic Pixie Dream Girl*”.

Dentro desse cenário, em 1960, é intensificado o movimento feminista, que impulsiona a luta pelos direitos das mulheres, que começam a ter voz ativa na política, economia e sociedade em geral. Essa luta contra a cultura machista também é refletida no cinema, com a emergência de mais representatividade feminina, mas ainda encontra muita resistência por parte da indústria cinematográfica. Isso que é verificado pelo fato que, em mais de 90 edições do Oscar, somente duas mulheres foram premiadas na categoria de Melhor Direção e apenas outras cinco foram indicadas para esse prêmio, tendo um grande contraste com os concorrentes masculinos, que já tiveram 502 indicações e 91 vencedores⁵.

Essa discrepância na presença de homens e mulheres em cargos de liderança nas principais produções audiovisuais do mundo, principalmente hollywoodianas, afeta a forma como as mulheres vão ser representadas nesses produtos. Um filme escrito por uma equipe formada completamente por homens vai ter dificuldade em retratar com verossimilhança a vivência feminina na sociedade.

Nesse sentido, as mulheres no cinema vão se encaixar dentro de arquétipos criados pelo imaginário masculino. A nomenclatura “arquétipos” foi criada por Carl Jung, um psiquiatra e psicanalista suíço que fundou a escola da “psicologia analítica”. Para Jung, os arquétipos seriam imagens e impressões que existem no inconsciente

⁵ CAMPOS, Vitória. Conheça as 7 mulheres indicadas à Melhor Direção do Oscar [LISTA]. Rolling Stone, 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3gZASZs>>. Acesso em: 5 mai. 2021.

coletivo, que fazem com que as pessoas possuam um julgamento acerca de algo ou alguém, se desenvolvendo de forma hereditária.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal, [...] os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade [...] O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar (JUNG, 2000, p.54).

O modo mais comum de representação de mulheres, principalmente em filmes mais antigos, é o de “donzela em apuros”. A donzela é uma personagem criada para ser salva e se apaixonar pelo herói, ela depende do protagonista masculino para tudo, inclusive “existir”, visto que muitas vezes não pode se defender sozinha. Essa personagem tem uma narrativa submissa e normalmente não interage com outras mulheres para falar de assuntos que não envolvam um homem.

Esse tipo de personagem inspirou a criação do chamado “*Bechdel Test Movie*”⁶, que é um site que analisa filmes em três critérios: (1) o filme precisa ter pelo menos duas mulheres nomeadas no seu enredo; (2) essas mulheres precisam conversar entre si; (3) o assunto da conversa não pode ser um homem. Quando comparados aos filmes mais antigos, as produções mais recentes demonstram um avanço na representatividade feminina, porém mesmo o teste tendo critérios tão básicos, ainda consegue detectar alguns filmes atuais que continuam falhando em atender esses parâmetros.

Sobre isso, Rosália Duarte disserta sobre como o cinema tem um papel comunitário, que une pessoas de diferentes origens para uma discussão sobre assuntos pertinentes à esfera social:

Um novo cinema se constitui na visualização individual e na troca coletiva de ideias – online – entre pessoas de diferentes origens e culturas, que têm em comum o interesse (desinteressado!) de colocar em discussão suas opiniões a respeito dos filmes que apreciam. Ainda que a prática de ver seja individual, retoma-se, aqui, a experiência eminentemente comunitária, de emitir julgamentos sobre o que é visto. Esse é o sentido público da arte: ela nos obriga a pensar por nós mesmos e nos impele a fazer desse pensamento ‘algo que deve ser compartilhado’ (DUARTE, 2009, p. 133).

Outro arquétipo feminino comum em produções realizadas por homens é a *femme fatale*, uma mulher sensual que utiliza seu corpo para conseguir o que quer. Esse

⁶ Bechdel Test Movie List. Disponível em: <<https://bit.ly/3h18VAI>>. Acesso em: 5 mai. 2021.

tipo de representação normalmente está associada à sexualização dos corpos femininos, que é muito comum no audiovisual. Exemplificando isso, Ross Putman, produtor e agente de talentos americano, criou uma conta no Twitter chamada “*femscriptintros*”⁷, onde são publicadas como mulheres são introduzidas nos roteiros recebidos.

Figura 1 - Twitter de Ross Putman



Fonte: <<https://bit.ly/3xRJUxu>>. Acesso em: 5 mai. 2021.

É possível perceber que o produtor substituiu os nomes das personagens originais por “Jane” para que os roteiristas não sejam identificados. Porém, também é perceptível que todos os roteiristas fazem questão de realçar a beleza e qualidades físicas das personagens, na maioria das vezes se limitando a isso. Dessa forma, podemos identificar como as mulheres são vistas como objetos sexuais por esses roteiristas, usando isso como uma forma de captar a atenção dos seus telespectadores homens heterossexuais.

Essa sexualização fica clara quando é comparado o trabalho de um diretor e uma diretora representando a mesma personagem. Esse é o caso da Arlequina, que apareceu no filme *Esquadrão Suicida* (2016), dirigido por David Ayer, e no filme *Aves de Rapina: Arlequina e Sua Emancipação Fabulosa* (2020), dirigido por Cathy Yan. No primeiro filme, houveram muitas críticas acerca da hipersexualização da personagem, utilizando as cenas de ação para valorizar o corpo da atriz. Já no segundo filme, esses problemas

⁷ Ross Putman (Twitter). Disponível em: <<https://bit.ly/3xRJUxu>>. Acesso em: 5 de maio de 2021.

são corrigidos e a narrativa é feita a partir de uma perspectiva feminina, podendo ser notada até mesmo no figurino da Arlequina.

Figura 2 e 3 - Figurino da Arlequina em Esquadrão Suicida (esquerda) e Aves de Rapina (direita)



Fontes: <<https://bit.ly/3b6xecj>> e <<https://bit.ly/3b5Z75v>>. Acesso em: 5 mai. 2021.

Entretanto, não existem somente os arquétipos de donzela ou *femme fatale*, outro padrão de representação feminina no cinema é a *Manic Pixie Dream Girl*. Ela é definida por Nathália Dutra e Vivian Herzog como:

A MPDG é, basicamente, uma personagem feminina, plana, rasa, sem background story, definida como meiga, feliz, divertida, infantil, espontânea, peculiar, nunca tem grandes conflitos, com poucos e superficiais defeitos, sem trabalho ou família presente na narrativa. Seu papel na história é ser um acessório ao personagem principal masculino que é caucasiano, de classe média, inseguro, infeliz, deprimido e introvertido (DUTRA; HERZOG, 2016, p. 4)

Essas personagens não tem uma narrativa, sua única missão no filme é servir como uma espécie de “musa” para o protagonista masculino, capaz de ajudar ele a se salvar da sua melancolia e depressão. Nesse caso, a mulher se encontra novamente em um status secundário dentro da produção, visto que suas vontades e motivações não são trabalhadas dentro do roteiro.

Uma consequência dessa representação é a forma não natural como essa mulher vai ser tratada dentro da história. Por exemplo, como a personagem Summer, do filme (500) Dias com Ela (2009), é retratada como fria, cruel e até mesmo “louca” por terminar o namoro com o protagonista. Essa dinâmica vai sempre favorecer os

personagens masculinos que foram “deixados” ou “manipulados” por essas mulheres “loucas” e nunca vai se preocupar em trabalhar a história e a perspectiva dessa mulher.

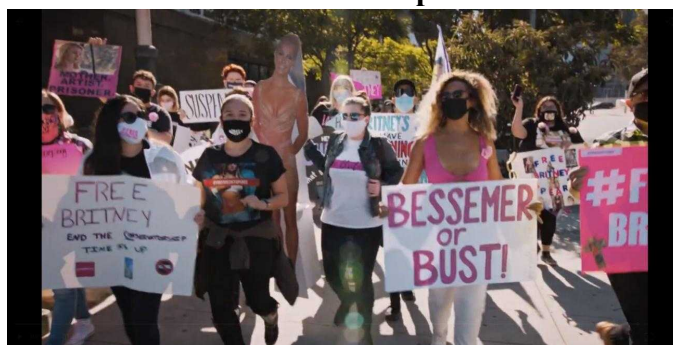
Dentro desse contexto, o cinema vai impactar na sociedade da mesma forma como o consciente coletivo impacta o cinema. A perpetuação dessas representações femininas tóxicas vão ter influência dentro do imaginário da sociedade na forma como homens e mulheres devem ser tratados pela mídia, sempre favorecendo a perspectiva masculina e duvidando da feminina.

FRAMING BRITNEY SPEARS

“*Framing Britney Spears*” é um documentário produzido pelo *The New York Times* em colaboração com a empresa de *streaming* Hulu e o canal FX, ele foi lançado no dia 5 de fevereiro de 2021 e foi assinado por Liz Day, que foi a jornalista responsável pela investigação dos fatos, enquanto a direção da produção audiovisual ficou por conta da diretora e produtora Samantha Stark.

O documentário mostra toda a jornada da cantora, desde seus primeiros trabalhos no meio artístico até a perseguição exacerbada da mídia e a questão da tutela com seu pai, por um outro olhar, mais humano, que permite o público entender o outro lado da história da artista, o menos contado pois não era ele que garantia audiência aos programas de TV e vendia em massa os tablóides da época. Além disso, o longa apresenta o movimento *#FreeBritney*, que clama pelo básico, que é a cantora ter mais liberdade e direitos sobre a sua própria vida, já que, de acordo com Liz, Jamie Spears “pode decidir quem pode visitar Britney, colocar guarda-costas 24 horas por dia atrás dela, caso ele queira, assinar contratos, acordos, tomar decisões sobre a casa dela e até mesmo seus cartões de crédito”.

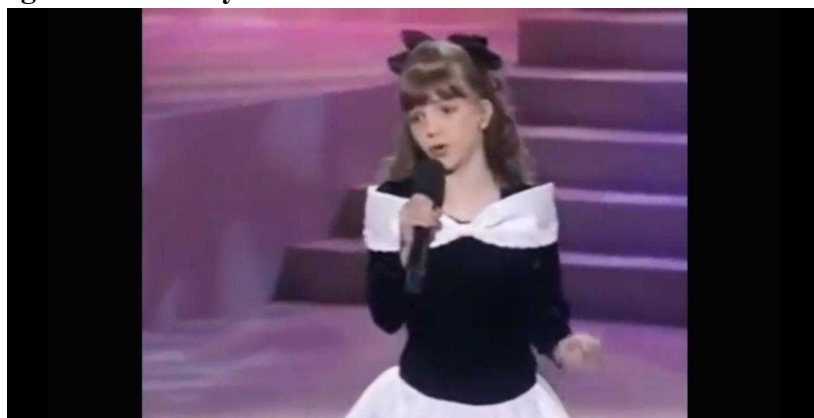
Figura 4 - Fãs se manifestando nas ruas em apoio à liberdade de Britney Spears



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/9365752/programa/?s=01h06m10s>>. Acesso em: 5 mai. 2021.

Inicialmente na produção, temos uma breve introdução ao movimento que busca liberdade à Britney, é explicado como ele surgiu e como foi crescendo nas redes sociais. Em seguida, vemos como ela conseguiu os seus primeiros contratos, quem foi a primeira pessoa que a descobriu e quem a acompanhava nas suas primeiras apresentações e aparições públicas. Durante todo o processo de narrar a parte inicial da história da artista, são mostradas imagens do pai tendo atitudes questionáveis e também relatos de convidados que estavam presentes nessas fases da vida da cantora e mantinham contato direto tanto com ela quanto com sua família, e eles também estranhavam alguns atos e falas de Jamie Spears. O documentário não coloca o pai como vilão em todas as fases da vida de Britney, apenas apontam as questões que revelam muito sobre a personalidade dele e como ele via sua própria filha. Quando ela atinge uma maior idade as coisas já tomam uma outra proporção e falas da própria Britney sobre a relação problemática com seu pai começam a surgir.

Figura 5 - Britney cantando na televisão com 10 anos de idade



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/9365752/programa/?s=19m57s>>. Acesso em: 5 mai. 2021.

Posteriormente, o documentário começa a abordar a fase adulta da Britney, já renomada e consagrada como princesa do pop. Entretanto, o longa mostra também os riscos de se obter tamanha fama, a cantora era severamente perseguida, não tinha privacidade alguma a não ser dentro de sua própria casa, dezenas de paparazzis a perseguiram simultaneamente e a sufocavam a todo momento para capturar imagens exclusivas que eram vendidas por valores astronômicos à diversos meios de comunicação. Logo, com a aquisição das imagens dos paparazzis, a mídia conseguiu

criar sua própria narrativa em cima da Britney utilizando as fotos e vídeos como material de sustento das histórias contadas.

Na própria produção, são exibidas entrevistas antigas onde a cantora se pronunciou algumas vezes sobre esses acontecimentos, chegando a chorar por existirem pessoas dispostas a prejudicarem sua vida a partir da criação de narrativas falsas para que suas revistas vendessem mais. Isso acontecia em todos os aspectos da vida de Britney Spears, sua imagem como mãe, como namorada, esposa e até como mulher era sempre desmoralizada, no caso de seus relacionamentos amorosos em específico, Spears sofria constantemente ataques da mídia que sempre a colocavam como errada, a mulher louca e vulgar que trai, a vilã, enquanto os homens saíam ilesos ou até mesmo tiravam proveito da situação, como no caso do cantor Justin Timberlake. Toda essa questão de perseguição rendeu uma forte pressão psicológica à cantora, que se sentia exausta e acabou reagindo em alguns momentos, o que trouxe mais problemas à ela no futuro, como aponta o documentário.

Figura 6 - Capa de tablóide dizendo que Britney explodiu por conta de um ex, enquanto na verdade surtou com a perseguição dos paparazzis



Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/9365752/programa/?s=36m11s>>. Acesso em: 5 mai. 2021.

O longa mostra que a amplificação da mídia em torno das ações de Britney, principalmente no *Meltdown* fazia sua imagem afundar cada vez mais, o que culminou com o pai, Jamie Spears, como seu tutor legal por aderir à curatela, que inclui o monitoramento tanto da pessoa física Britney Spears quanto dos seus bens financeiros e materiais por ela supostamente ser incapaz de tomar decisões por conta própria. A princípio, havia sido acordado judicialmente para ser uma conservadoria temporária de cunho emergencial, entretanto, se estende até hoje, mais de 12 anos depois.

Por fim, o documentário termina explicitando a batalha judicial que ocorre entre Britney e Jamie para rever sua tutela, ela estava ocorrendo em sigilo durante alguns anos, mas agora o caso já está público e em andamento. Mostra também que existem complicações para Britney nessa luta, visto que o pai recebe um salário para ser o tutor dela, e, além disso, é o dinheiro da cantora que movimenta tudo, então quando ela vai à justiça tentar rever a curatela, ela paga tanto o lado que está defendendo o ponto de vista dela, quanto os advogados do pai. Há ainda o fato de que por um bom tempo os advogados da Britney foram escolhidos pelo próprio pai dela, o que implicava diretamente no seu caso. O longa se conclui com as atualizações mais recentes do caso e com imagens dos fãs que torcem e apoiam a cantora nesse momento, mesmo que ela continue em silêncio.

A JORNADA DE BRITNEY SPEARS

A partir da análise do documentário e das questões de representatividade feminina levantadas ao decorrer do artigo, nota-se que Britney Spears teve grande parte de sua vida conturbada pela mídia e pela sociedade machista que a cercava. Havia uma noção completamente misógina no inconsciente coletivo sobre a forma como ela deveria se vestir, falar, pensar e agir.

Assim, a mídia, durante a carreira da Britney, colocou a cantora dentro de vários “arquetipos”, o primeiro como a “queridinha da América”, depois de um tempo ela passou a ser vista como uma mulher vulgar, que as mães estadunidenses temiam que suas filhas se inspirassem e, por fim, Britney foi pintada como a celebridade louca, perigosa, violenta e insana.

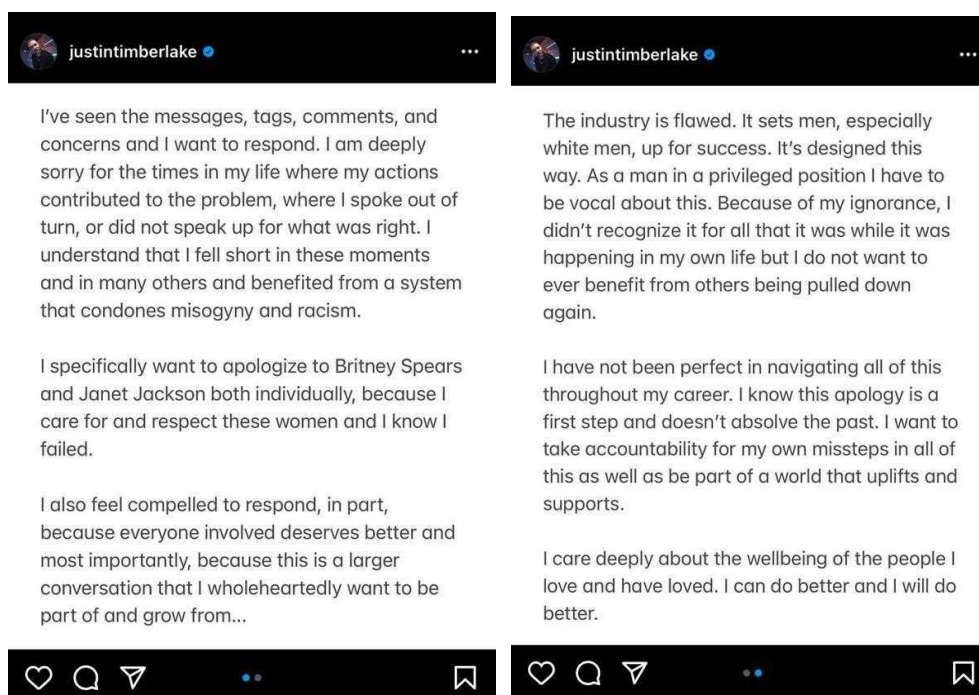
O acúmulo de todos esses fatos decorrentes do sexismo que culminaram nas pressões psicológicas destruíram e ainda corroem a vida da cantora, que perdeu muitos dos seus direitos básicos enquanto todos apenas assistiam, afinal estamos falando de uma época em que o machismo era mais escancarado e a saúde mental não estava em pauta, então deve-se, de fato, assumir a misoginia como um fator que implicou diretamente na sua vitalidade psicológica e emocional.

Seus relacionamentos são uma amostra clara de como a mulher é retratada de forma diferente do homem. Dentro da relação com Justin Timberlake, por exemplo, é possível fazer uma associação na forma como Britney foi tratada e o famoso arquétipo

Manic Pixie Dream Girl. Enquanto ela estava com Justin, a cantora tinha que ser sua musa inspiradora, servir como um “sopro de vida” na carreira dele, mas, depois que terminou, foi tratada como louca, insensível e cruel. A mídia sempre se mostrou empática com o que Justin estava passando, mas nunca fez questão de mostrar a perspectiva da Britney.

Nesse caso, é possível identificar como Britney foi tratada como um acessório de Justin, de forma que a cantora não poderia ter vontades e motivações próprias. Como mulher, a estrela era retratada como a responsável pelo fim do relacionamento e, conseqüentemente, merecia sofrer ataques diários da mídia e do público para que a imagem de vítima de Justin fosse reforçada.

Figuras 7 e 8 - Justin Timberlake assumiu em seu Instagram que se beneficiou do sistema e da mídia misógina enquanto estava com Britney Spears, quase 20 anos após o término dos dois.



Fonte: <<https://www.instagram.com/p/CLMxYbGhTno/>>. Acesso em: 5 de maio de 2021.

Britney antes de se reerguer era a mulher louca, a mulher que não poderia ser sexual, caso fosse, seria chamada de vadia e indigna. Foi ameaçada de morte várias vezes por usar roupas sensuais, mas nunca deixou de ser quem ela era para se adaptar aos comentários sexistas, a cantora foi perseguida pelo machismo durante toda sua carreira e hoje sua história inspira muitas mulheres, e até mesmo LGBTs como mostra o

documentário, a se aceitarem e serem como quiserem, mesmo que o custo seja alto, a autenticidade de cada um deve prevalecer.

Além disso, o documentário também se torna um ato de representatividade feminina pois mostra uma trajetória de resistência, uma mulher que inspira e que passou por imensas dificuldades, agressões e invalidações na vida por apenas ser mulher, mostra também que o machismo atinge a todas, independente de sua classe social, status ou posição. A batalha de Britney continua acontecendo no júri e ao que tudo indica, não há intenção de parar de resistir e lutar para ser quem é por parte dela, como sempre fez ao longo de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O longa abrange também as duas outras possibilidades de temáticas além da apresentada, seja ela “Audiovisual em tempos de isolamento: produção e consumo”, por ter sido inteiramente produzido durante a pandemia, movimentando testes de COVID-19 para entrevistados e ser feito para o *streaming*, que obteve um grande crescimento do consumo durante o isolamento; ou a “produção audiovisual voltada para indústria musical”, por ser um documentário proposto para contar a história de alguém que viveu e vive a indústria musical e é consumido majoritariamente por pessoas que já têm familiaridade com esse tipo de conteúdo, como fãs, críticos musicais e amantes da música.

Por fim, decidiu-se abordar a questão da representatividade feminina dentro da produção audiovisual pelo fato do documentário ter uma diretora mulher e esta ser capaz de criar uma nova perspectiva sobre a jornada feminina, em especial a de Britney Spears, o que foi muito significativo, visto que teve majoritariamente homens ou pensamentos criados por eles escrevendo suas narrativas, dirigindo sua vida e carreira. Assim, Samantha Stark e sua equipe conseguiram abrir muitos olhos ao mostrar o lado da cantora em relação a tudo que sofreu durante sua jornada, e, depois do lançamento do documentário, muitas pessoas do mundo todo, incluindo celebridades, declararam apoio à Britney. Portanto, a diretora e a jornalista responsável pela investigação além de exporem o machismo que a artista sofreu durante toda sua vida também influenciaram para que hoje muitas pessoas acompanhassem o caso da tutela atentamente, o que pode

de alguma maneira beneficiar Britney, visto que o mundo todo está com os olhos abertos em qualquer ação judicial que possa ser tomada.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Lorena; INOCÊNCIO, Luana. **Keeping Up With The Kardashians**: o mito da beleza, estigmas do feminino e intimidade das celebridades em reality shows. In: Anais do II Congresso Nacional TeleVisões. Disponível em: <<https://bit.ly/311VcuL>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 12ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da Identidade**. 15ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CHARTIER, Roger. **Diferença entre os sexos e dominação simbólica**. Cadernos Pagu (4). Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995.

DELTA, Débora. A representatividade feminina no cinema. **Obvious**, 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3f2BRWi>>. Acesso: 5 de maio de 2021.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. 3 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DUTRA, Nathalia; HERZOG, Vivian. A Representação Feminina no Cinema Através do Arquétipo Manic Pixie Dream Girl. Trabalho apresentado no IJ04–Comunicação Audiovisual do **XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, v. 26.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRAMING Britney Spears. Samantha Stark. Estados Unidos: The New York Times, 2021.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Unesp, 1993.

MORAIS, Isa; INOCÊNCIO, Luana; RABAY, Glória. A Excêntrica Família de Antonia: Gênero no Mundo das Representações. In: **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: INTERCOM, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Cinema e Sexualidade**. 2008.

MACHADO, Carla Silva; FONSECA, Mirna Juliana Santos. Representações Do Gênero Feminino Nos Filmes Mais Vistos Nos Cinemas Brasileiros Em 2015: Quando a Representatividade Pode Levar ao Empoderamento. **Communitas**, v. 2, n. 3, p. 138-157, 2018.

MAGALDI, Carolina Alves; MACHADO, Carla Silva. Os testes que tratam da representatividade de gênero no cinema e na literatura: uma proposta didática para pensar o feminino nas narrativas. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 18, n. 36, 2016.

VAN ZOONEN, Liesbet. **Desire and resistance: Big Brother and the recognition of everyday life**. *Media Culture & Society*, vol. 23, p. 669-677, 2001.

VASCOUTO, Lara. A Manic Pixie Dream Girl é a Nova Bela, Recatada e do Lar? **Nó de 8ito**, 2016. Disponível em: <<http://nodeoito.com/manic-pixie-dream-girl/>>. Acesso: 5 de maio de 2021.

WEISS, Lanume. A representatividade feminina no cinema. **Jornal Cobaia**, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3f0pfyE>>. Acesso em: 5 de maio de 2021.